

Batalha Naval

Lembrei-me que o ano passado na Praia dos Bodyboarders o São Valentim me tinha posto a par da intenção das câmaras municipais sobre quererem ficar com as praias e da guerra que ia ser com as capitánias. Lembrei-me, porque sonhei com um barco de piratas a chegar à Ilha dos Lobos-Marinheiros e os lobos-marinheiros conectados às orcas a enviarem a localização e as orcas a naufragarem o barco na Praia dos Bodyboarders. Vi uma guerra entre surfistas e bodyboarders para espetarem a bandeira com a Caveira Sagrada na Praia dos Bodyboarders da 1ª escola de mergulho. A câmara municipal só autorizava uma escola de mergulho e a Jupiter Editions lançou um Circuito de Bodyboard e Surf com Oficina de Escrita na Praia dos Bodyboarders para ver quem ficava com a escola de mergulho. Ficava com a escola de mergulho o bodyboarder local que escrevesse o melhor filme de ondas durante o circuito. Lembrei-me da discussão que foi na Praia dos Bodyboarders no hipotético filme das câmaras municipais ficarem com as praias.

Disse logo que não seria boa ideia as câmaras municipais ficarem com as praias, por causa dos desvios de dinheiro e porque as praias, pese embora pertencessem ao domínio público situavam-se no domínio marítimo, com um código dos mares, com a Lei do Mar, que nada tinha que ver com os códigos “da terra”. Disse que era verdade que, havia capitánias que funcionavam mal e que davam praias aos sobrinhos e aos primos como se estivessemos no tempo dos condes, dos duques, dos príncipes e dos reis. Simplesmente o que eu propunha era um sistema informático com uma plataforma online transparente em que conseguíamos todos ver os titulares e duração de cada concessão e os modos como se tinha procedido o concurso público com as pontuações.

Defendia e defendo que devem ficar melhor pontuados os concessionários que apresentem uma proposta verdadeiramente ecológica como os materiais da concessão serem feitos de bambu ou de imitação de madeira, apresentarem uma previsão dos ordenados e das condições de trabalho dos salva-vidas e um esquema interessante do ponto de vista dos ordenados de felicidade segundo a faturação e o lucro esperado, terem obrigatoriamente um plano 100% funcional para pessoas de mobilidade reduzida e uma área de colmos gratuita destinada às pessoas de mobilidade reduzida e seus acompanhantes e uma fila de cortesia aos locais se ocuparem até às 12h, por exemplo. Porque só assim, é que pode fazer sentido entregar um bocado de praia a um privado para explorar. Tem de haver obviamente uma **contrapartida**, um claro benefício para o Estado. Lembrei-me de ter dito que achava muito difícil as câmaras ficarem com a praia, porque seria preciso uma grande coragem de marinheiro, um governo lembrar-se de tirar as praias à Marinha... Não estava a ver como é que os lobos da terra iam ganhar a natação aos lobos-marinheiros, porque eu conhecia a natação dos lobos marinhos... Lembro-me até de ter dito que só se fosse com um lobismo muito socialista que eu, de facto, não estava a ver é que um governo conseguia “roubar” às ocultas as praias da Marinha...

Lembrei-me também, por causa do sonho da Escola de Mergulho que tinha sido há 2 anos que os piratas da Ilha da Madeira me tinham contado sobre o snorkeling até ao barco afundado e que barcos tinham sido afundados propositadamente para criar um “tesouro” marinho no fundo do mar e uma escola de mergulho para ir abrir o baú do tesouro.

16:30 Lembrei-me que quando estava na Ilha do Arroz na Praia das Lontras, em 2019, tinha ido com o Fred na minha semana de folgas visitado a Ilha dos Piratas e que um feiticeiro me tinha entregue uma revista da Ilha dos Piratas e me tinha dito quando o Fred virou costas que eu estava destinado a voltar à Ilha dos Piratas e apontou para o Fred e fez-me um sinal de “chui” e piscou-me o olho. Lembro-me de ter achado piada a isso e ter guardado segredo disso ao Fred. Simplesmente, quando voltei a casa, pus em pé a capa da revista no móvel do meu quarto por achar gira.

18:29 A Mulher do Capitão telefonou-me a dizer que tinha uma “batata quente” na mão e perguntou-me se podia passar-me a “batata quente”. Disse-me primeiro, que o Capitão de Mar e Guerra, muito amigo do Capitão, tinha aparecido na cozinha de avental com uma batata quente na mão, quando não era ele que ia cozinhar, muito menos na casa do Capitão. Mas, enfim, a história vinha de trás e para o presidente da câmara não deixar de cozinhar os seus cozinhados no barco da Capitania do Porto, lhe tinha passado uma “batata quente” e que ele tinha agora de a passar. A Mulher do Capitão contou-me que viu muitos barcos a querer atracar na Praia dos Camaleões, inclusive o **Barco Borda d’Água**, mas que com o Capitão tinha conseguido os seus privilégios num justo e transparente concurso público numa “concessão vitalícia” de **66 anos**. Contou-me que o ministro do ambiente e o presidente da câmara municipal eram muito amigos e que o presidente da câmara contava aos piratas o plano que tinham em mente da extinção silenciosa das capitánias, prometendo aos piratas concessões de Norte a Sul, incluindo as ilhas, se os piratas hackeassem a Marinha... Contou-me que em 6 almoçadas no barco do Capitão, o presidente da câmara pressionou sempre o ministro com pinças de caranguejo... Os piratas, disfarçados de condes e duques, de fatinho e gravata que escondiam as caveiras, sentaram-se nas mesas do barco do Capitão e assistiram à pressão dos jogos de poder e sedução começando a acreditar na palavra do presidente e começando a pirataria. Enfim, muitos ficheiros e filmagens vieram à baila, ia ser uma autêntica novela marítima, uma estúpida batalha naval... Para se evitarem tiros e conflitos no mar, marcava-se uma reunião com as capitánias e com as câmaras e pronto, as praias passavam limpinhas para as mãos das câmaras. Uma jogada de interesses em que se afogavam os Reis no tabuleiro de xadrez e dava-se o empate. As capitánias continuariam a fiscalizar com a Autoridade Marítima e a ver as multas a entrarem como verba. No fundo, ia entrar mais verba. Era uma questão de “verbas”. De haver mais verba e apoios estatais... A Mulher do Capitão lúcida em relação à Sociedade de Informação, contou que conhecia o jogo de xadrez da câmara, porque eram todos da mesma idade, tinha andado todos no mesmo liceu de ideias e eu comecei a ver também ao mesmo tempo o poder camarário da minha cidade. A Mulher do Capitão contou-me histórias que eu via uma analogia com as histórias da câmara da minha cidade e contei-lhe também histórias. Para resumir a história e para a Mulher do Capitão me entregar o seu coração e eu perceber de uma vez por todas em que casa é que a Mulher do Capitão joga e como é que a Mulher do Capitão vê **o número mágico**, contou-me que a câmara municipal tinha manipulado muito a cabeça do Capitão com o favorecimento de uma concessão também vitalícia de um pequenino palácio, “em troca” da instalação de câmaras de vigilância no barco do Capitão e noutras lojas do Capitão em que a câmara municipal ficasse responsável e detentora dos dados das imagens... Uma pequenina “troca de favores”... “Uma pequenina troca de dados”...

No final da chamada vi como era engraçado as peças do puzzle saírem a seu tempo... Se eu não tivesse vindo para a Ilha dos Piratas eu ficaria sempre com um “véu de ignorância” das coisas instalado. Seria impossível saber. Talvez estivesse destinado a receber a informação para a passar. Não passo de um *whistleblower* da Sociedade de Informação Tecnológica. Não passo de um cabrão de um chibo. Nasci com o número mágico. Posso chibar-me do número mágico e de toda a magia das coisas através da minha escrita. É este o meu papel. Sou um chibo. Sou um cabrão de um chibo. Nasci, sem saber, marcado com o número mágico. Estou na praia cercado pelo número mágico. Estou protegido pelo número mágico. Posso, por isso, falar do número mágico e de toda a magia encerrada por ele. Vim para a Ilha dos Piratas para “encerrar” a magia. Para “fechar” a magia. Para contar “a magia” que foi tudo. Como é que foi tudo. Como é que tudo aconteceu. Vim quebrar o feitiço. Sou só um cabrão.

Quarta-feira, 14 de julho de 2021

Jaime Maria Bayamonde da Costa Ayala

Publicado pela Jupiter Editions em www.jupitereditions.com em 16 de setembro de 2021

Jupiter Editions®